A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA

Maimeri Carlos de Morais
Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0009-6960-2206
Endereço eletrônico: maimerimorais04@gmail.com

Valéria Viana Sousa
Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8243-9281
Endereço eletrônico: valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

Palavras-chave: colocação pronominal; próclise; ênclise; português brasileiro; oralidade e escrita.

INTRODUÇÃO

A colocação pronominal constitui um dos fenômenos mais variáveis da Língua Portuguesa, especialmente no que se refere à posição dos pronomes clíticos em relação ao verbo. Tradicionalmente, a gramática normativa distingue três possibilidades de colocação: próclise, quando o pronome antecede o verbo; ênclise, quando o pronome ocorre após o verbo; e mesóclise, quando o pronome é inserido no interior da forma verbal. No Português Brasileiro (PB), diversos estudos sociolinguísticos têm demonstrado a predominância da próclise na língua em uso, sobretudo em situações de fala espontânea e em produções escritas menos monitoradas (Vieira, 2002; Peterson, 2010; Castilho, 2014; Andrade; Carneiro, 2014; Vieira, 2016).

Historicamente, a colocação dos clíticos sofreu mudanças significativas ao longo da evolução da língua portuguesa. Segundo Castilho (2014), até o século XIV predominava a ênclise, enquanto, posteriormente, a próclise passou a ocupar posição de destaque em determinados contextos sintáticos. No PB contemporâneo, essa tendência proclítica tornou-se

ainda mais evidente, distanciando-se, em muitos aspectos, da norma prescrita pelas gramáticas tradicionais, que privilegiam a ênclise em vários contextos formais. Tal divergência entre norma e uso mostra a necessidade de investigações que considerem a língua em funcionamento real, à luz da Sociolinguística Variacionista.

Com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística, desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), esta pesquisa investiga a variação entre ênclise e próclise em produções orais e escritas de alunos do Ensino Médio no contexto brasileiro. O estudo tem como objeto de análise a colocação pronominal em textos produzidos por estudantes do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Vitória da Conquista, Bahia-Brasil, buscando compreender quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam a ocorrência dessas variantes no Português Brasileiro contemporâneo.

Dessa feita, o objetivo geral da pesquisa consiste em investigar as variações da ênclise e da próclise em textos orais e escritos produzidos por alunos do Ensino Médio em aulas de Língua Portuguesa. Especificamente, busca-se: identificar o emprego variável dessas estruturas nas produções dos estudantes; descrever os fatores linguísticos e sociais que favorecem a ocorrência de cada variante; e refletir sobre as implicações pedagógicas desse fenômeno para o ensino de Língua Portuguesa.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como os estudantes manejam estruturas gramaticais variáveis em diferentes modalidades de uso da língua. Embora a escola tradicionalmente privilegie a norma-padrão, o uso efetivo do PB demonstra que a próclise ocupa posição predominante nas práticas comunicativas cotidianas, inclusive entre falantes escolarizados. Nesse sentido, investigar a colocação pronominal em contexto escolar permite problematizar a relação entre norma e uso, contribuindo para uma abordagem mais crítica e contextualizada do ensino gramatical. Além disso, o estudo pode oferecer subsídios para práticas pedagógicas mais sensíveis à variação linguística, reconhecendo a heterogeneidade do Português Brasileiro e valorizando a competência comunicativa dos alunos em diferentes situações de interação.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, fundamentada nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, com o objetivo de analisar a variação da colocação pronominal, especificamente a próclise e a ênclise em produções orais e escritas de alunos do Ensino Médio no Brasil. O *corpus* da pesquisa é composto por 20 produções de estudantes do Instituto Federal da Bahia (IFBA), localizado em Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, sendo 10 textos orais e 10 textos escritos, distribuídos igualmente entre participantes dos sexos masculino e feminino.

As produções orais foram obtidas por meio de entrevistas gravadas em ambiente escolar, posteriormente transcritas com preservação de características da oralidade. As produções escritas consistiram em redações elaboradas em sala de aula sobre o tema "Os impactos do bullying na vida escolar". Para a análise, foram consideradas as ocorrências de colocação pronominal em estruturas com verbos finitos e lexias verbais simples. Investigaram-se fatores linguísticos (tipo de oração, elementos antecedentes, modo e forma verbal e tipo de clítico) e extralinguísticos (sexo, idade e escolaridade), visando identificar os contextos favoráveis ao uso da próclise e da ênclise no PB.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos textos orais produzidos por alunos brasileiros revelou uma preferência categórica pela próclise, com 118 ocorrências (100%) e nenhuma ocorrência de ênclise. Esse resultado confirma a hipótese da pesquisa e revela que, na oralidade do PB contemporâneo, a colocação do pronome antes do verbo constitui o padrão dominante e produtivo.

Todavia, a ausência total de ênclise demonstra que a fala espontânea favorece estruturas mais naturais e frequentes no uso cotidiano da língua, reforçando a tendência já apontada por estudos anteriores sobre o PB. Dessa forma, independentemente dos diferentes contextos linguísticos analisados, a próclise ocorreu de maneira sistemática.

Os resultados corroboram as observações de Castilho (2014) e Perini (2005) sobre a predominância da próclise no PB e sugerem um estágio ainda mais avançado do processo descrito por Vieira (2016). Enquanto essa autora identifica uma regra semicategórica, com raros casos de ênclise, os dados desta pesquisa mostram que, na oralidade dos estudantes brasileiros

investigados, a próclise já se encontra plenamente gramaticalizada, ao passo que a ênclise praticamente desapareceu do uso efetivo.

Nos textos escritos brasileiros, a próclise é a forma predominante de colocação pronominal, com 36 ocorrências (73,5%), enquanto a ênclise registrou 13 ocorrências (26,5%). Esses resultados demonstram que, embora a escrita seja tradicionalmente mais influenciada pela norma-padrão, os estudantes brasileiros mantêm a preferência pela colocação pré-verbal do pronome, uma tendência igual a já observada na oralidade.

De modo geral, os dados confirmam que a próclise é predominante na escrita dos estudantes brasileiros, embora a ênclise ainda apareça em contextos específicos, sobretudo em construções mais próximas da norma tradicional, como algumas ocorrências com *se* apassivador e determinadas formas infinitivas. Assim, a escrita brasileira apresenta um quadro de variação mais amplo do que a oralidade, mas mantém a tendência geral do português brasileiro contemporâneo de favorecer a colocação pré-verbal dos pronomes. A presença restrita da ênclise sugere que essa forma permanece associada a contextos formais e cristalizados, enquanto a próclise se consolida como a opção mais produtiva e representativa da gramática atual do Português Brasileiro.

A análise da variável sexo mostra que a próclise é predominante entre homens e mulheres nos textos brasileiros. Na oralidade, o uso foi categórico, com 100% de próclise e ausência total de ênclise em ambos os grupos. Na escrita, a próclise também prevaleceu, correspondendo a 63,6% das ocorrências entre as mulheres e 77,8% entre os homens.

Contudo, esses resultados indicam que o sexo dos participantes não exerce influência significativa na colocação pronominal, uma vez que ambos os grupos apresentam o mesmo padrão geral de preferência pela próclise, especialmente na modalidade oral.

Como limitação, destaca-se o tamanho do *corpus* analisado, o que sugere a necessidade de investigações futuras com amostras mais amplas e diversificadas para aprofundar a compreensão desse fenômeno linguístico.

CONCLUSÃO

Em suma, os resultados revelam que a próclise no português brasileiro, especialmente na modalidade oral, seu uso foi categórico. Na escrita, embora a ênclise ainda esteja presente em alguns contextos, a próclise manteve-se majoritária. Quanto à variável extralinguística sexo, não foram observadas diferenças significativas entre homens e mulheres, uma vez que ambos os grupos demonstraram preferência pela próclise. Assim, os dados confirmam a consolidação da colocação pré-verbal dos clíticos como padrão predominante no português brasileiro contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. L. de; CARNEIRO, Z. de O. N. **A posição e colocação dos clíticos em predicados complexos: o português brasileiro visto a partir de duas vertentes**. São Paulo: Filol. Linguistic, 2014.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

PETERSON, M. S. **A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais e complexas em cartas de leitor: uma contribuição Sociolinguística variacionista**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas- Língua Portuguesa)- faculdade de Letras- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

VIEIRA, S. R. **Colocação Pronominal nas Variedades europeia, brasileira e moçambicana**: para a definição da natureza no clítico em Português. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

VIEIRA, M. de F. **Ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira, e são-tomense**. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas- Língua Portuguesa)- Faculdade de Letras- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].